

PENTECOSTALIZAÇÃO DO PROTESTANTISMO HISTÓRICO BRASILEIRO

Estudos das Práticas Pastorais da Igreja Metodista Wesleyana

Valter Borges dos Santos¹

Resumo

O presente artigo é uma reflexão sobre a origem da pentecostalização do protestantismo brasileiro, que visa observar a gênese da formação de grupos oriundos do protestantismo histórico que seguiram princípios, práticas pastorais e liturgias pentecostais, a partir do fenômeno da glossolalia, fatos que se desdobraram na formação das igrejas renovadas, em especial, a Igreja Metodista Wesleyana. Esse fenômeno surgiu, inicialmente, dentro da Igreja Metodista do Brasil, normalmente avesso às práticas pentecostais, o que torna a glossolalia alvo de investigação nesse artigo.

Palavras-chaves: Pentecostalização; Protestantismo; Glossolalia.

Introdução

Este artigo toma como base uma das indagações do Artigo “Fé e Razão na Teologia Pentecostal: Há Fundamentos Teológicos Sólidos no Pentecostalismo?” (DOS SANTOS, 2011), onde introduz a discussão sobre a disputa teológica entre os protestantismos históricos e pentecostais: “... essa divisão, hoje, (*tradicionais* e *pentecostais*), ainda faz sentido?” (DOS SANTOS, 2011).

Ao levantar novamente a questão (já introduzida no artigo de 2011), retoma-se a discussão sobre as disputas teológicas entre *cessacionistas* e *continuístas*, que se mostraram cada vez mais sem sentido. As disputas sem fim promoveram dissensões, onde se rotulam todos os *continuístas*, e, por outro lado, lamentavelmente, os *cessacionistas* chegam ao ponto de considerar os pentecostais como “hereges” e “apóstatas”. Justamente por estes negarem o que *o cessacionismo* afirma. Entretanto, a falta de tato e o extremismo dos *continuístas*, também demonstra a intolerância. É instigante este tema, entretanto, cabe ressaltar que, enquanto uns (cessacionistas) não querem mais falar sobre isso; outros

(continuístas), afirmam que tem muito ainda o que discutir. Ou seja, a disputa não terminará, embora, haja clamor por mais delicadeza, respeito entre as partes; que dentro de suas perspectivas, esclareçam suas próprias limitações e que as intersecções vislumbrem um futuro sem discórdias, mas, coerentes com as demandas da vida espiritual de todos; principalmente, na tentativa de superação.

Pentecostalização: Igreja Metodista Wesleyana

A expressão “ao que parece, o momento atual passa por uma pentecostalização eclesial de todas as igrejas hodiernas” (DOS SANTOS, 2011), foi a motivação de iniciar a pesquisa sobre a pentecostalização do protestantismo histórico. Atualmente se assume cada vez mais práticas pentecostais nas igrejas do protestantismo histórico, embora, ácidas dissensões promoveram cisões, dando origem às igrejas renovadas.

Dr. Leonildo Silveira Campos², especialista em pentecostalismo, em seu artigo “Pentecostalismo e Protestantismo ‘Histórico’ no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças”, no capítulo 3, apresenta quatro cenários possíveis das relações entre protestantismo histórico e pentecostalismo no futuro da igreja brasileira demonstrando com otimismo a cessão dessa disputa entre *continuístas* e *cessacionistas*. Interessa para este artigo os cenários 1 e 2, veja:

Cenário 1 - Protestantismo pentecostalizado. Para sobreviver o protestantismo histórico irá assimilar os principais eixos teológicos e litúrgicos do pentecostalismo, selecionando de acordo com a sua tradição os traços que mais se aproximem de sua “performance” tradicional. Neste cenário, o pentecostalismo já teria experimentado um processo de institucionalização, abrandado algumas de suas ênfases mais agressivas e abandonado características próprias de todo movimento carismático, ainda pouco burocratizado e muito contestador. A possível fusão entre ambos os polos geraria uma religiosidade nova na história do protestantismo, causaria uma reformulação ampla do campo religioso e faria surgir um protestantismo revigorado, melhor sintonizado com a cultura popular e imaginário social latino-americano. As barreiras denominacionais seriam apenas resíduos de um passado distante, expressões de identidades não mais excludentes. Esse protestantismo seria qualitativamente diferente dos anteriores, pois um salto de qualidade teria aproximado cristãos separados por um século de polêmicas e incompreensões. A questão seria: o protestantismo histórico ainda tem força suficiente para impor a sua preeminência nesse processo de fusão?

Cenário 2 - Pentecostalismo protestantizado. Este cenário também pressupõe um amplo processo de fusão, contudo, com predominância do pentecostalismo sobre a vertente protestante. Neste caso, as igrejas e denominações do protestantismo histórico, desapareceriam do mapa religioso. Os seus lugares seriam ocupados pelas igrejas, seitas e confederações de comunidades pentecostais, agora plenamente

institucionalizadas, constituindo-se em espaços eclesiais em que o papel das emoções foi reduzido, assim como a tendência mágico-utilitarista. O risco de cisões seria afastado, a criatividade atrelada aos canais hierárquicos, a espontaneidade limitada ao tolerável. A dependência integral da vontade dos chefes carismáticos seria enfraquecida, através da adoção de regimes de governo mais representativos. Tal cenário traria de volta os questionamentos internos, reiniciando-se logo em seguida a dialética negação-afirmação-negação, que até hoje tem sido responsável pela contínua fragmentação do pentecostalismo. (CAMPOS, 2011, P. 527).

Esses dois cenários são desejáveis? Talvez o primeiro cenário fosse aquele com maiores possibilidades de concretização. Observar a configuração atual das igrejas do protestantismo histórico brasileiro é acompanhar um fenômeno que está em pleno andamento e vigor, e que teve sua gênese no final da década de 1950 até a década de 1970: a pentecostalização do protestantismo histórico brasileiro. Denominadas de “Renovadas”,³ as novas igrejas tiveram sua gênese na cisão ocorrida no seio das igrejas protestantes históricas por conta de diferenças teológicas caras e fundamentais. As renovadas “defendem a crença na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo” (ARAÚJO, 2007, p. 382), adotam práticas pastorais, liturgias e modo de viver, inspiradas no modelo de igreja da Assembleia de Deus, tendo como marco fundamental a glossolalia, que será explorada sua fundamentação mais a frente neste artigo.

A originalidade e veracidade do pentecostalismo estão presentes em sua própria história. O pentecostalismo é fruto de *ortopraxia*, num primeiro momento; e, posteriormente, de uma subsequente construção teológica ortodoxa. Os postulados pentecostais, e aí está sua peculiaridade, estavam mais atrelados à vida que a compêndios excessivamente incompreensíveis (DOS SANTOS, 2011).

O pentecostalismo é uma resposta aos anseios de uma sociedade em desencanto, é o “sim” de Deus, para o “não” das possibilidades humanas. É em momentos de opressão, desespero, desencanto que a divindade providencia formas de socorrer seu povo. Segundo afirmam Godoy e Nanjarí, o pentecostalismo é uma expressão popular do protestantismo que se firmou e consolidou nos setores pobres, capaz de inserir-se com forte penetração nos setores mais empobrecidos da sociedade. Porém, tem se firmado entre outras classes sociais, também. Por conta das igrejas anteriores ao pentecostalismo moderno estarem enraizadas nas camadas mais altas e médias, e, portanto, nunca chegavam às camadas inferiores, houve uma revolução com o pentecostalismo. “Quando estas igrejas chegaram

aos pobres, estes perceberam que suas liturgias eram frias e não se sentiram à vontade com elas” (GODOY e NANJARÍ, 2004, p.69).

A Igreja Metodista Wesleyana retrata o fato de o pentecostalismo adentrar também em outras camadas sociais, sendo um exemplo emblemático, conforme resumo histórico:

A Igreja Metodista Wesleyana foi fundada no dia 05 de janeiro de 1967 em Nova Friburgo, Rio de Janeiro. Esta igreja é fruto do que é chamado por seus seguidores de avivamento espiritual. Na década de 60 alguns pastores foram afastados da Igreja Metodista por assumir uma postura diferente, por isso decidiram se unir e formar a Igreja Metodista Wesleyana, que tem vida própria. Os fundadores da Igreja Wesleyana foram os pastores: Waldemar Gomes de Figueiredo, Gessé Teixeira de Carvalho, Francisco Teodoro Batista, Idelmício Cabral dos Santos e José Moreira da Silva. Atualmente com 700 mil *[sic]* membros, a Igreja Metodista Wesleyana tem 400 igrejas em todo Brasil. (MEDRADO, 2011).

Segundo Pastor Ângelo Medrado, em seu artigo feito para a disciplina História do Protestantismo, a Igreja Metodista Wesleyana com cerca de 700 mil membros, hoje; é resultante da separação que ocorreu devido à questão doutrinária “do batismo com o Espírito Santo, como sendo uma segunda bênção para o crente e a aceitação da obra pentecostal” (MEDRADO, 2011). Essa obra pentecostal foi a do pentecostalismo clássico, onde figuram:

Os dons espirituais, Operação de Maravilhas, Profecia, Discernimento, Línguas, Interpretação de Línguas, com também cânticos espirituais, revelações e visões. Acrescentando-se ainda à realização da obra do avivamento espiritual, cânticos de corinhos, orações pelos enfermos, sem liturgia e protocolos nos cultos (MEDRADO, 2011).

Segundo os relatos de Medrado, foi na década de 1960 que ministros da Igreja Metodista do Brasil experimentaram um avivamento, após se dedicarem em buscar a Deus através de orações, onde fenômenos carismáticos aconteciam. Somando-se a isso o contato com outras igrejas renovadas aperfeiçoou o comportamento pentecostal e práticas como vigílias de oração, cânticos com estilos contemporâneos e cultos espontâneos aumentaram de tal forma que as resistências não demoraram a surgir até que mesmo orientados a cessarem com tais práticas, resolveram prosseguir provocando um cisma na igreja.

Pessoas passaram a receber o batismo com Espírito Santo e, a pentecostalização tornara-se irreversível. A adesão ao movimento foi crescente, necessitando, dada a resistência à pentecostalização no metodismo, constituírem-se numa nova igreja, separando-se do metodismo tradicional cessacionista.

Enquanto ainda estava sendo realizado o Concílio Geral da Igreja Metodista do Brasil, em Nova Friburgo/RJ, o grupo que saiu desceu a serra (se retirou do Concílio), sem nenhuma estatística em mãos para a formação de novas igrejas e se reuniu no dia 05 de janeiro de 1967 às 14 horas, na chamada "Reunião da Ponte", ocasião do nascimento da nova igreja. A expressão "Reunião da Ponte" é muito conhecida das igrejas em virtude da mesma ter o seu nascimento sobre uma ponte no pátio da fundação Getúlio Vargas. Estavam presentes a esta reunião as seguintes pessoas: Idelmício Cabral dos Santos, Waldemar Gomes de Figueiredo, José Moreira da Silva, Waldemar Gomes de Figueiredo, José Moreira da Silva, Francisco Teodoro Batista, Gessé Teixeira de Carvalho, Cório da Silva Pereira, José Mendes da Silva, Zeny da Silva Pereira, Dinah Batista Rubim, Ariosto Mendes, Wilson da Silva Mendes, Jacir Vieira e Antônio Faleiro Sobrinho. No dia 06 de janeiro, as notícias se propagaram e, em vários locais, grupos esperavam a presença de pastores que haviam saído da Igreja Metodista, dentro de um mês havia 30 igrejas organizadas (MEDRADO, 2011).

A crescente proliferação das formas pentecostais encontradas em círculos normalmente avessos ao pentecostalismo, além de considerar o fato do crescimento vertiginoso do pentecostalismo que já é a terceira grande força do cristianismo mundial. Fortaleceu a tendência à pentecostalização, não somente das formas clássicas, mas, também, das práticas neopentecostais. Há, ainda, de considerar o espanto pela forma na qual o pentecostalismo se amolda aos vários sistemas teológicos dentro do protestantismo, dentre os quais se destacam os de maior expressão: o calvinismo e o arminianismo.

Diante disso algumas indagações são importantes. Como explicar, por exemplo, que um movimento iniciado a pouco mais de cem anos, poderia crescer tão assustadoramente, tornando-se a terceira maior força do cristianismo? E encontra tanta resistência nos setores do protestantismo histórico, embora sofresse contínua influência dos pentecostais, a ponto de eclodirem variadas expressões renovadas do meio? O que aconteceu que de tão significativo para esse crescimento tão imenso e, também, a partir de 1950 entre os protestantes históricos? Quais as práticas que moldaram a comunidade eclesial pentecostal moderna que importam tão imediata aceitação por parte de parcela da população, promovendo uma adesão em massa desde sua gênese no início do século XX? Por que há uma adesão crescente de grupos protestantes que aderem ou aderiram ao pentecostalismo? Milhões de pessoas entraram em contato com o Evangelho através do fenômeno pentecostal. O fenômeno da glossolalia está na pauta da discussão, portanto, urge verificar o que é esse fenômeno. Nessa pentecostalização o "falar n'outras línguas" é a característica central do movimento. Afinal de contas, o que é a glossolalia?

Afinal de contas, o que é o batismo no Espírito Santo?⁴

O pentecostalismo surgiu com a chegada dos primeiros missionários pentecostais no início do século XX, resultando em duas grandes denominações pentecostais: a Congregação Cristã no Brasil (1910), e as Assembleias de Deus (1911). Segundo Ricardo Bitun, este movimento foi “(...) denominado pelos cientistas da religião como (...) clássico, por categorizarem forte acento na necessidade do Batismo no Espírito Santo e rígido afastamento dos padrões de conduta (...)” (BITUN, 2009, p.56).

Os pentecostais consideram que a evidência inicial do Batismo com Espírito Santo é o falar em línguas estranhas. Como isso se dá? Para melhor compreensão faz-se necessário tecer algumas considerações sobre a questão do êxtase. Segundo Mendonça,⁵ o êxtase deve ser analisado enquanto fenômeno religioso não peculiar à religião cristã, mesmo se acompanhado de profecias em linguagem compreensível. Em grande ou em menor proporção o êxtase está presente nas manifestações pentecostais. Embora, o êxtase não seja o iniciador do processo; mas, sim, o resultante de uma ação divina sobre a vida do crente. Na linguagem pentecostal, é o “estar cheio” do Espírito! É importante, observar que essa característica humana não é uma regra. Há experiências sólidas de crentes que falavam em outras línguas, sem, contudo, estar visivelmente extasiados.

Champlin, na verdade, relata que o “falar em línguas” pode ser feito através de meios naturais,⁶ também, através de meios demoníacos (desnaturais),⁷ finalmente, há as línguas sobrenaturais, onde o Espírito Santo inspira a falar línguas, sem o auxílio de êxtases, transes, psicologias, filosofias e técnicas. A Bíblia diz que o Espírito Santo é quem permitia que falassem, (e isso dá sentido àqueles quem tem a Bíblia como regra de fé), e não uma provocação extática, mas, sim, a ação de Deus! Significa “declaração clara e em alta voz, sob um impulso miraculoso” (CHAMPLIN, 1995, p.45). O dom pentecostal é o mais rico dom de Deus. Isso por causa das seguintes razões, segundo Champlin: 1) Sua origem – Os méritos de Cristo, sua humilhação e exaltação; 2) Sua própria natureza – a união do Espírito de Deus com o espírito humano; 3) Sua influência e resultados – uma nova criação do coração e do mundo. Champlin relata que no tocante à nova língua que essa é conferida mediante a doação pentecostal do Espírito Santo:

Qual é a sua natureza? É a dádiva de um coração e de uma língua que estão sempre prontos para proclamar os louvores da graça divina com gratidão, confessando ao Senhor com alegria santa. Qual é a sua procedência? Não de qualquer capacidade natural, nem por motivo das artes e das ciências, e, sim, do alto, do Espírito de Deus, que toca o coração e os lábios com um fogo celestial. Com que propósito é dado [a

língua estranha]? Não para satisfazer à vaidade pessoal, e nem para garantir prazeres carnaís, mas sim, para proclamar louvores de Deus, transmitindo as novas da salvação ao mundo (CHAMPLIN, 1995, p.45).

John W. Wyckoff⁸ demonstra, com particular precisão, que a glossolalia é a evidência inicial do Batismo com Espírito Santo. Segundo ele, “os pentecostais sustentam que o falar em outras línguas era a experiência normal, esperada de todos os crentes neotestamentários batizados no Espírito Santo” (HORTON, 1996, p.449). É importante frisar, embora o falar em outras línguas, seja a evidência inicial, ressalta-se, que, o falar em línguas é uma inspiração divina, ou seja, o resultado do poder capacitador do Espírito Santo de Deus. J. R. Willians observa que “o propósito central, ao ser outorgado o Espírito, é o poder capacitador mediante o qual o testemunho de Jesus pode ser levado adiante, tanto em palavras quanto em ações” (HORTON, 1996, p.451). Conforme lembra Wyckoff, “os pentecostais, ao insistirem que a experiência de um batismo distintivo no Espírito Santo está à disposição dos crentes hoje, não estão sugerindo que os cristãos que não falam em línguas não têm o Espírito” (HORTON, 1996, p.454).⁹ Wyckoff cita J. Ramsey Michaelis, que acredita que “existe um perigo na ideia pentecostal da ‘evidência inicial’ – ela pode reduzir o Espírito ao falar em línguas” (HORTON, 1996, p.457-58). E. S. Willians, um antigo pentecostal, declarou: “O que é da máxima importância é ‘o poder do alto’”. Em sua dissertação de mestrado, Reginaldo Leandro Plácido explora bem essa questão ao inter-relacionar os acontecimentos bíblicos com a fé pentecostal moderna, embasada pela teologia pneumatológica do teólogo Paul Tillich, quando este aborda o conceito de “Presença Espiritual”. Paul Tillich apresentou em sua teologia sistemática aspectos pneumatológicos importantes para os pentecostais. Ele diz:

O espírito, uma dimensão da vida finita, é levado a uma autotranscendência efetiva; é possuído por algo último e incondicional. Ele continua a ser espírito humano; continua a ser o que é, mas, ao mesmo tempo, sai de si mesmo sob o impacto do Espírito divino. “Êxtase” é o termo clássico para designar este estado de ser possuído pelo Espírito divino, ou seja, pela “Presença Espiritual”. Ele descreve, com muita precisão, a situação humana sob a Presença Espiritual (TILLICH, 2005, p.568).

Plácido cita Rosileny Alves dos Santos ao estabelecer o conceito de êxtase. Nela Santos faz diferenciação entre “êxtase” e “êxtase religioso”.¹⁰ Mesmo sendo uma experiência religiosa dentro do aspecto humano, o êxtase leva o indivíduo “a um estado de transbordamento gerado pela irrupção de uma realidade superior” (PLÁCIDO, 2008, p.115), que o impulsiona a viver numa dimensão diferente do natural, em seu cotidiano,

onde é tomado pelo Espírito e convidado a iniciar uma relação “de imanência mútua” (PLÁCIDO, 2008, p.116).

Segundo Plácido, “o êxtase se torna elemento teológico fundamental na vivência cristã, na medida em que leva o indivíduo a relacionar-se com o Espírito divino, e faz com que este indivíduo encontre sentido para sua vida”. Tillich compreende êxtase como “estar fora de si mesmo” (PLÁCIDO, 2008, p.116). Para Tillich é “(...) um estado mental em que a razão está além de si mesma” (PLÁCIDO, 2008, p.116). Ainda, segundo Plácido:

Vale ressaltar aqui que, nesta experiência, mesmo que o êxtase transcenda a racionalidade finita, a racionalidade continua sendo preservada. “A ‘razão-extática’ continua sendo razão; ela não recebe nada irracional ou anti-racional” (TILLICH, 2005, p.124). Portanto, a experiência de êxtase “não é uma negação da razão; é um estado mental em que a razão está além de si mesma, isto é, além da estrutura sujeito-objeto” (TILLICH, 2005, p.124). Esta experiência de “racionalidade-extática” é, portanto, revelatória e produz o choque ontológico, ou seja, no êxtase aquilo que nos preocupa incondicionalmente nos é revelado de forma objetiva e subjetiva ao mesmo tempo, levando a razão ao seu limite último e lançando-a de volta a si mesma. Tillich sintetiza da seguinte forma: “O êxtase une a experiência do abismo, ao qual é conduzida a razão em todas as suas funções, e a experiência do fundamento, no qual a razão é possuída pelo mistério de sua própria profundidade e da profundidade do ser em geral. O estado extático em que ocorre a revelação não destrói a estrutura racional da mente” (TILLICH, 2005, p.126). Embora Tillich concorde que as reivindicações de experiências religiosas especiais dos movimentos extáticos (aqui se inclui o pentecostalismo) possam ser um êxtase autêntico, alerta que o sentido teológico do termo não pode ser usurpado. Teologicamente falando o êxtase gera produtividade espiritual e criatividade Espiritual, ou seja, o êxtase cria uma relação mútua entre o espírito humano e o Espírito divino, onde o mundo objetivo não se dissolve em mera subjetividade. Portanto, a criatividade que autentica um estado extraordinário da mente como êxtase gera vida sem ambiguidades; é este o critério que torna o êxtase genuíno e não uma mera intoxicação subjetiva da mente (PLÁCIDO, 2008, p.117).

Sendo o êxtase compreendido como algo que gera criatividade espiritual, conduz o ser humano ao estado extraordinário, “porém, sem destruir a estrutura racional, também não irá destruir a estrutura psicológica” (PLÁCIDO, 2008, p.117). Plácido conjectura que “a teologia pentecostal, da mesma forma que Paul Tillich, sustenta a ideia de estas expressões [*serem*] apenas metafóricas (batismo com Espírito Santo) – [*grifo meu*] -, pois a experiência do impacto da Presença Espiritual não pode ser explicada...” (PLÁCIDO, 2008, p.117). Para Tillich, esse irromper divino é, no ser humano, uma experiência extática. Embora, isso ocorra na dimensão do espírito, segundo Plácido “todas as outras dimensões do ser humano são impactadas, pois ‘devido à unidade multidimensional da

vida, todas as dimensões, na medida em que são efetivadas no ser humano, participam do êxtase criado pelo Espírito' (TILLICH, 2005, p.573)", (PLÁCIDO, 2008, p.125). Tillich compreende o êxtase com o ser possuído pelo Espírito divino.

O termo "êxtase" ("estar fora de si mesmo") aponta para um estado de espírito que é extraordinário no sentido de que a mente transcende sua situação habitual. O êxtase não é uma negação da razão; é um estado mental em que a razão está além de si mesma, isto é, além da estrutura sujeito-objeto (TILLICH, 2005. p.126).

O pentecostalismo associa a oralidade com o êxtase definido por Paul Tillich, segundo Plácido, citando Pommerening. Desse modo, "na ocasião do batismo no Espírito Santo a pessoa é conduzida a uma experiência extática de relação com o Espírito, onde a estrutura racional é elevada a uma dimensão superior" (PLÁCIDO, 2008, p.128).

Ao serem batizados com Espírito Santo os pentecostais vivem intensamente na dimensão espiritual, cujo contato com o divino manifesta-se nas experiências extáticas, onde "superam-se a separação de espaço e tempo, e distúrbios e limitações corporais e psicológicas" (TILLICH, 2005, p.571). Assim, Plácido conclui sua tese, demonstrando a interface entre a teologia pentecostal e a teologia pneumatológica de Paul Tillich.¹¹

O pentecostalismo com chave hermenêutica centrada na pneumatologia produz uma teologia fundamental para o relacionamento do ser humano e o divino, se este o buscar em fé. O pentecostalismo atende à demanda religiosa e existencial das pessoas desprovidas, marginalizadas, desorientadas, dando-lhes sentido de vida, num relacionamento pessoal com Deus, que lhe devolveu a sua valorização humana, elevando sua autoestima, e capacitando-o para servir. Além da possibilidade real, através desse contato com o divino, de tornar-se "ser" humano, novamente, onde pode exprimir suas angústias, superar suas dificuldades com ajuda do alto, e, louvar, em gratidão, por tudo que Deus lhe proporciona. Champlin afirma que:

Não há qualquer razão dogmática para pensarmos que as línguas e outras manifestações espirituais *tenham* propósito de desaparecer da igreja cristã, no [plano] divino, ou que tais manifestações não se revistam de grande valor na igreja moderna. Esse tipo de raciocínio parece ter-se derivado da tentativa de fazer nossas doutrinas *se adaptarem* àquilo que *praticamos atualmente*, e não àquilo que deveríamos ser e praticar em nossas igrejas. Sem dúvida tal raciocínio representa um erro, por mais comum que seja o mesmo. Entretanto, os homens agem assim, até mesmo em relação às Escrituras, que os homens afirmam ser seu guia nas questões de fé e prática (CHAMPLIN, 1995, p.46).

Essas conjecturas, entretanto, não encerra a discussão, mas acirra muitos ânimos, e a controvérsia está longe de terminar, embora, historicamente, há indícios de aproximação entre esses dois polos (protestantes históricos e pentecostais) numa possível formação religiosa futura diferenciada, e, quem sabe, mais dinâmica na soma das experiências do Espírito e no embasamento racional teológico.

Considerações Finais

Para compreender esse fenômeno, entretanto, será necessário, ainda, fazer outros questionamentos dada pluralidade dos pentecostalismos que proliferam na atualidade. É importante ressaltar que, ao que tudo indica as práticas pentecostais não se restringem ao fenômeno da glossolalia, sendo muito mais amplo e abrangente. A alegria e entusiasmo que resulta em espontaneidade, a flexibilidade litúrgica, dentre outros importantes aspectos parece estar adaptado ao “jeito de ser” do pentecostalismo. Indaga-se se é desejável esta pentecostalização e se será possível a convivência de frentes tão distintas entre pentecostalismo e protestantes históricos.

Algumas perguntas são necessárias: Qual o pentecostalismo está se configurando entre os protestantes históricos? Quais as implicações desse processo no cristianismo brasileiro e latino-americano? Outra questão que precisamos nos deter é acerca da Teologia Pentecostal: como a mesma consegue penetrar em sistemas teológicos tão distintos quanto os metodistas, batistas e presbiterianos? É uma tendência natural do cristianismo? Essa pentecostalização é um caminho sem volta? Por que a práxis pentecostal atrai tantas lideranças de outros meios do cristianismo, como o protestantismo histórico? Porque as liturgias de muitas igrejas conservadoras passaram a flexibilizar a outrora rigidez formal litúrgica, aderindo às práticas cúlticas pentecostais, embora, muitas não admitam em seus quadros, os pentecostais? Qual a influencia do neoliberalismo nessa pentecostalização? Será que, com isso, o cristianismo será melhor na contemporaneidade, promovendo uma maximização da ética cristã?

As igrejas renovadas, em especial a Igreja Metodista Wesleyana, formadas pela cisão ocorrida nas igrejas históricas, provocado pela introdução das práticas pentecostais que alteraram, também, as práticas pastorais, principalmente no tocante à glossolalia; fazem os teólogos e pastores repensarem a rejeição radical, total e completa que tinham, anteriormente, do pentecostalismo. Repensar a teologia pentecostal a partir das igrejas renovadas, promove um enriquecimento das comunidades evangélicas no Brasil. No bojo

da teologia das igrejas renovadas, há a possibilidade do caminhar juntos: a fé pentecostal e a firmeza teológica; promovendo uma comunidade mais viva e festiva.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Isael, (org.). Dicionário do movimento pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

ARMSTRONG, Karen. Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BÍBLIA. Português. BÍBLIA de estudo pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1995. Almeida Revista e Corrigida.

BRUMBACK, Carl. “Que quer isto dizer?”. Tradução de O. S. Boyer e Joaquim Luiz dos Santos. Rio de Janeiro: Livros Evangélicos, 1960.

CAMPOS, Bernardo. Da Reforma protestante à pentecostalidade da igreja. Tradução de Walter Altmann. São Leopoldo/Quito: Sinodal/CLAI, 2002.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Pentecostalismo e Protestantismo “Histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. Horizonte. Belo Horizonte, v. 9, n. 22, p.504-533, jul/set.2011 – ISSN: 2175-5841.

CHAMPLIN, Russel Norman. O Novo Testamento interpretado versículo por versículo. Vol. 3. São Paulo: Candeia, 2000.

DOS SANTOS, V. B. Fé e Razão na Teologia Pentecostal: Há Fundamentos Teológicos Sólidos no Pentecostalismo? (Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharel em Teologia) - Universidade Metodista de São Paulo. SBC. SP: 2011.

GODOY, Daniel e NANJARÍ, Cecilia Castillo. No pentecostalismo o Espírito Santo favorece os pobres. Estudos da Religião. São Bernardo do Campo. v. 27, p. 50-72, dezembro de 2004.

HORTON, Stanley. Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

JARDILINO, J. R. L. A chegada do Espírito: uma visão histórica teológica das religiões do espírito em São Paulo na década de 1930. (Dissertação - Mestrado em Ciências da Religião) – Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo, 1993.

KLAIBER, Walter; MARQUARDT, Manfred. Viver a graça de Deus: um compêndio de teologia wesleyana. 2. ed. Tradução de Helmuth Alfredo Simon. São Bernardo do Campo: Editeo, 2006.

LEÃO, Marília Alves S. F. Pentecostalismo, religiosidade do povo oprimido. (Trabalho de Conclusão de Curso) Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1981.

MARASCHIN, J. Os corpos do povo pobre. Revista Estudos de Religião. São Bernardo do Campo, ano I, n. 3, p. 27-40, março de 1986.

MEDRADO, Ângelo. Pentecostalismo: História da Igreja Metodista Wesleyana no Brasil. Disponível em <http://primeiraigrejavirtual.com.br/2011/01/25/pentecostalismo-historia-da-igreja-metodista-wesleyana-no-brasil/>, acessado em 30/04/2012, às 10h16

NASCIMENTO, W. S. Pentecostalismo e igrejas históricas no Brasil: uma análise do fenômeno pentecostal. (Trabalho de Conclusão de Curso) Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1997.

PLÁCIDO, Reginaldo Leandro; MUELLER, Enio Ronaldo (Orient.). Na dimensão do Espírito: uma leitura do Espírito Santo na teologia pentecostal em interface com a teologia sistemática de Paul Tillich. 2008. 166 f. (Dissertação de mestrado em Ciências da Religião) Escola Superior de Teologia, São Leopoldo.

POBLLE, J. Nem moda nova nem nova criação. Estudos de Religião, São Bernardo do Campo, ano I, n. 3, p. 11-24, março de 1986.

ROMEIRO, Paulo. Decepcionados com a Graça. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2005.

SANTOS, Rosileny Alves dos. Entre a razão e o êxtase: experiência religiosa e estados alterados de consciência. São Paulo: Loyola, 2004.

SYNAN, Vinson. O século do Espírito Santo: 100 anos do avivamento pentecostal e carismático. Tradução de Judson Canto. São Paulo: Editora Vida Acadêmica, 2009.

TILLICH, Paul. Teologia sistemática. Tradução de Getúlio Bertelli e Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

¹ Valter Borges dos Santos, Teólogo e Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo - UMESP. E-mail: valtergislene@uol.com.br.

² Dr. Leonildo Silveira Campos, Doutor em Ciências da Religião, mestre em Administração, graduado em Filosofia e Teologia, Coordenador e Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo.

³ Segundo o Dicionário do Movimento Pentecostal (CPAD, 2007, 382 p.) Na década de 60, um avivamento espiritual varreu as igrejas evangélicas tradicionais brasileiras, fenômeno também ocorrido nos Estados Unidos, na mesma época. Por todo o Brasil, homens e mulheres estavam sendo despertados para a oração e a leitura da Bíblia, e, como consequência, milhares estavam tendo a mesma experiência pentecostal. Eles recebiam o batismo no Espírito Santo, falando em outras línguas e manifestando os dons espirituais. Surgiram centenas de reuniões de orações nas igrejas e nos lares. Diversos líderes do movimento se levantaram. Até então, somente igrejas chamadas pentecostais admitiam o batismo no Espírito Santo e o dom de línguas. Somente em igrejas como A Assembleia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, entre outras antigas pentecostais, orava-se, com ênfase, pelos enfermos. Essas experiências ficavam restritas a esses grupos. Agora, no entanto, o poder de Deus se disseminava também entre os demais evangélicos. Presbiterianos, batistas, congregacionais, episcopais, enfim, todas as denominações estavam convivendo com grupos ávidos por oração, pela busca de experiências mais profundas com o Espírito Santo. Esse avivamento era gerado também por uma insatisfação pessoal, pelo comodismo ou por falta de poder espiritual.

Naturalmente, essa nova época na igreja evangélica brasileira gerou crises. Surgiram, então, os batistas renovados, os metodistas wesleyanos, os presbiterianos renovados e vários outros, com convenções próprias. Alguns grupos permaneceram independentes, ajudando a gerar, assim, as diversas igrejas independentes que surgiram na época. Entre os vários precursores do avivamento entre os batistas tradicionais, estão a missionária batista norte-americana Rosalee Mills Appleby, o pastor José Rego do Nascimento, da Igreja Batista da Lagoinha, em Minas Gerais, o pastor Enéas Tognini, da Igreja Batista de Perdizes, em São Paulo... Estas igrejas foram classificadas por Rubem César Fernandes como “históricas renovadas”. São, portanto, igrejas dissidentes de denominações protestantes tradicionais que adotam teologia pentecostal, incluindo, conforme as idiosincrasias do pastor local, várias das inovações teológicas identificadas com o neopentecostalismo. É uma corrente pentecostal (genealogicamente, seria a terceira onde pentecostal, já que antecede a neopentecostal) formada a partir e à custa do protestantismo histórico. São, por exemplo, os batistas nacionais, os presbiterianos renovados e os metodistas wesleyanos. Apesar de formarem um segmento evangélico demograficamente pouco expressivo no Censo do IBGE, de 1991 (tinham apenas 194 mil fiéis), essas igrejas apontavam a crescente pentecostalização do protestantismo brasileiro, que nesse mesmo ano, chegava a 65% dos evangélicos.

⁴ Revisão do capítulo 5 do artigo “Fé e Razão na Teologia Pentecostal”, de 2011, tendo com base a pentecostalização do protestantismo histórico cuja gênese é a glossolalia, com a finalidade de explicitar o significado e a realidade desse fenômeno tanto nas igrejas essencialmente pentecostais, quanto nas manifestações nas igrejas protestantes históricas que se tornaram importantes nas igrejas renovadas.

⁵ Antonio Gouveia de Mendonça (*in memoriam*). Doutor em Filosofia pela USP, foi professor no Instituto José Manuel da Conceição (Jandira); no Seminário Presbiteriano Independente (São Paulo); na Fundação Santo André; na Universidade Metodista de São Paulo; e na Universidade Mackenzie. Autor de “Introdução ao Protestantismo Brasileiro”, escrito em parceria com Prócoro Velasques, “O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil” e “Protestantes, Pentecostais & Ecumênicos – o campo religioso e seus personagens”.

⁶ Tais como: a) transe hipnótico – o indivíduo experimenta um grande aumento da capacidade psíquica; b) falar simultâneo - telepatia: duplicação, simultânea, de qualquer coisa que outra pessoa falasse; c) estados especiais: casos em que as pessoas repetiam, sem perceber, frases que já ouviam em algum lugar, e que ficaram gravadas em seu subconsciente, ativado em estados extremos de febre; d) participação na mente universal: teorias filosóficas que indicam um propósito universal, que são especulações acerca da psiquê humana; e) Freud: esse psicanalista afirmava que algumas vezes as línguas não passam de palavreado sem sentido, produzido propositalmente com a finalidade de autoglorificar quem as fala (CHAMPLIN, 1995, p. 45).

⁷ Alguns casos, bem documentados, mostram que, nas igrejas, algumas vezes as línguas exprimem blasfêmias e obscenidades. Em alguns desses casos, pois, podemos ter línguas “naturais”, que opera desde as profundezas da mente humana depravada. Em outros casos, por certo, forças espirituais estranhas se apossam dos homens, usando-os para proferirem suas blasfêmias (CHAMPLIN, 1995, p. 45).

⁸ John W. Wyckoff, Ph. D., catedrático de Bíblia e Teologia, chefe da Divisão dos Ministérios Eclesiásticos na Faculdade do Sudoeste das Assembleias de Deus dos EUA

⁹ O batismo no Espírito Santo é apenas uma das várias obras do Consolador. Convicção, justificação, regeneração, santificação: todas estas são obras do mesmo Espírito Santo. Cada uma dessas obras é distintiva, com uma única natureza e propósito. Se o indivíduo corresponde de modo positivo à obra do Espírito na convicção, ocorrem então a justificação e a regeneração. Naquele momento, o Espírito Santo passa a habitar no crente, e dali em diante é correto dizer que essa pessoa tem o Espírito. O batismo no Espírito Santo com a evidência inicial de falar em línguas pode ocorrer naquele mesmo momento ou em ocasião posterior - de conformidade com o padrão revelado em Atos dos Apóstolos. Em qualquer desses casos, a pessoa tem o Espírito habitando nela desde o momento da regeneração (HORTON, 1996, p. 454).

¹⁰ Segundo Plácido (2008, p. 115-117): Para a autora, o êxtase se relaciona à totalidade da excitação orgânica, em que a alegria e tristeza, excitação ou apatia física se manifestam indistintivamente, além do provimento de comoção psíquica, que se expressa a partir do valor motivacional. Por outro lado, o êxtase religioso seria um acontecimento extático, motivado por fatores de características religiosas. Estes fatores religiosos são símbolos, e Santos afirma que “os símbolos dão sentido ao êxtase. Pode-se dizer que os símbolos por si só não explicam o êxtase, mas o promovem”. Esta pesquisa caracteriza o êxtase religioso como uma experiência que ocorre na dimensão do espírito, portanto, o êxtase religioso é o êxtase do Espírito. Dessa forma, é possível afirmar o êxtase como uma experiência religiosa fundamental na relação entre espírito humano e Espírito divino. Ao analisar o êxtase por este viés teológico, assume-se aqui que se pode compreendê-lo como experiência religiosa fundante.

¹¹ O impacto do batismo no Espírito Santo, ou êxtase no Espírito Santo, é uma das marcas da manifestação da Presença Espiritual no espírito humano e, portanto, do viver sob a dimensão do Espírito, ou ainda “na dimensão do Espírito”. Assim, o batismo no Espírito Santo, ou êxtase na teologia tillichiana, designa o estado de ser possuído pelo Espírito divino, ou seja, pela Presença Espiritual. Tomando emprestadas as palavras de Tillich, o batismo no Espírito Santo “descreve com muita precisão, a situação humana sob a Presença Espiritual”. Esta experiência do impacto da Presença Espiritual através do batismo no Espírito Santo manifestar-se-á, portanto, através da criação da vida sem ambigüidades, expressa na fé e no amor. Desta forma justifica-se a conclusão de Wyckoff do propósito do batismo no Espírito Santo: “Concluindo, o propósito do batismo no Espírito Santo – a dimensão contínua da vida revestida pelo poder do Espírito – torna a experiência suficientemente importante para ser conhecida, compreendida e compartilhada. Não seja o falar em línguas o propósito ulterior ou a razão pela qual a experiência deve ser desejada, mas sim a necessidade do poder sobrenatural para testemunhar e servir. A necessidade ulterior é que cada membro do corpo de Cristo receba esse revestimento de poder a fim de que a Igreja possa operar na plena dimensão da vida no Espírito” (PLÁCIDO, 2008, p. 128).